

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 páginas.

Ensaizando uma interpretação sobre a relação entre futebol, cultura e sociedade no Brasil

Jorge Ventura de Moraes*

Túlio Velho Barreto**

José Luiz Ratton***

José Miguel Wisnik, professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo, acaba de publicar livro intitulado *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil* (Companhia das Letras). É de interesse não somente para aqueles que amam o futebol, mas também para todos que procuram entender o nosso país.

O livro está distribuído em quatro partes: a) Preliminares; b) A Quadratura do Circo: a Invenção do Futebol; c) A Elipse: o Futebol Brasileiro; e d) Bola ao Alto: Interpretações do Brasil.

A primeira parte é dedicada à história pessoal do autor e seu interesse pelo futebol, interesse que se traduz em paixão pelo Santos, e que nasceu facilitada pelos jogos a que assistiu do maravilhoso time de Pelé e Coutinho, entre outros.

Na segunda parte, em linguagem bastante poética, Wisnik aborda aspectos internos ao futebol, em uma tentativa de preencher uma lacuna observada, em geral, nos estudos sobre futebol, qual seja, a de que boa parte da chamada literatura especializada aborda o futebol a partir de aspectos externos ao esporte bretão. Fala-se do entorno do futebol, mas nunca dele.

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

*** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Nesta parte o autor trata das origens do futebol, da bola e do campo, do juiz, do tempo do goleiro, das diferenças entre o nosso futebol (o futebol da Fifa, o *football association*) e os seus irmãos, o futebol rúgbi e o futebol americano etc.

A terceira parte aborda a história do futebol no Brasil, desde os seus primórdios até os dias de hoje. Aqui há uma análise lírica do desenvolvimento do estilo brasileiro de jogar futebol. Em diálogo com uma multidão de analistas – de Freud a Gilberto Freyre – o autor procura realçar certas características que supostamente nos tornaram cinco vezes campeões do mundo e que teriam feito nossos craques de diferentes gerações – Friedenreich, Leônidas, Garrincha, Pelé e os Ronaldos – tão admirados em todo o planeta.

A quarta parte – talvez a mais revestida de linguagem propriamente acadêmica – trata dos debates entre os intelectuais brasileiros acerca do papel do futebol em nossa sociedade. Desde aqueles que não viam futuro para este esporte no Brasil – a exemplo de Lima Barreto e Graciliano Ramos – até aqueles que souberam reconhecer positivamente seu papel fundamental na nossa formação – como Gilberto Freyre –, passando por outros que, embora reconhecendo o impacto profundo do futebol na identidade do povo brasileiro, atribuíram-lhe uma função alienadora.

O livro, escrito como um longo ensaio, despojado, portanto, das necessidades de produzir provas empíricas requeridas em teses mais estritamente científicas, fornece ao leitor uma série de importantes *insights* não somente sobre o futebol, mas sobre a história do nosso país e sobre aquilo que nomeamos, com certa elasticidade, como nossa identidade social.

Muitíssimo bem escrito, o texto do autor oculta, no entanto, através da impressionante erudição, a ausência de teses originais sobre o futebol no país. A diversidade e a quantidade de fontes utilizadas, das mais variadas disciplinas, produziram um painel instigante que aproximou visões unidimensionais enriquecendo-as, mas redundou em ecletismo exagerado, congregando argumentos teóricos que mereceriam cotejamento e exame mais rigorosos.

Talvez possa ser dito que o virtuosismo do texto do autor traz consigo algumas das qualidades e dos pecados do ensaio. Por um lado, evita o hermetismo da linguagem cifrada do tecnicismo acadêmico que, muitas vezes, não consegue descer do pedestal da abstração generalizante para a compreensão do fenômeno. Por outro, a despeito da elegância e da

plasticidade da argumentação e da articulação contra-intuitiva e instigante de interpretações provenientes das mais diversas fontes, pode soar como exercício estilístico superficial, que na verdade reuniria, sem aprofundar, variações superficiais sobre o mesmo tema, insinuando sensação de *déjà vu*.

Finalmente, faltou ao autor combinar a análise interna com a também necessária análise externa do futebol. A despeito de aqui e ali Wisnik trair sua pretensão metodológica de observar o futebol apenas “de dentro” (a terceira parte do livro é exemplo desta escorregadela), parece-nos ingenuidade analítica supor que possa haver interpretação que minimize ou retire da análise elementos ambientais, contextuais e históricos que estruturariam, de alguma forma, as condições de possibilidade de ocorrência de fenômenos sociais como o futebol.

O saldo da leitura, contudo, é amplamente favorável a Wisnik e arriscamos dizer que *Veneno Remédio* é obra obrigatória para os que, como ele, reconhecem a importância do futebol como relevante elemento da cultura nacional.